

XINGAMENTOS ALEMÃES NO NOROESTE GAÚCHO: RESQUÍCIOS DO INCONSCIENTE SOCIAL MEDIEVAL*

Claudia Raquel Wagner¹

RESUMO: Neste artigo pretende-se analisar certos xingamentos utilizados por falantes do dialeto alemão *hunsrückisch* de uma comunidade rural da região noroeste do Rio Grande do Sul. À luz da concepção psicolinguística de Steven Pinker (2008) sobre o xingamento e da teoria do inconsciente social de Erich Fromm (1992), pretende-se analisar as formas arcaicas destes xingamentos e buscar em que medida ainda mantêm conexões com estímulos do pensamento medieval retido no inconsciente social desta comunidade.

Palavras-chave: Xingamentos; *hunsrückisch*; inconsciente social.

Cursing by speakers of the German dialect in the Northwest region of Rio Grande do Sul: reminiscences of the medieval social unconscious

ABSTRACT: This article intends to analyze certain swearing used as cursing by speakers of the German dialect *hunsrückisch*, in a rural community in the northwest region of Rio Grande do Sul, Brazil. This study was based on the concept of cursing developed by the psycholinguist Steven Pinker (2008), and of the social unconscious theory of Erich Fromm (1992). The intention is to analyze the archaic forms of these name-calling and try to explain to what extent they still maintain a relationship with the medieval way of thinking that still remains in the social unconscious of this community.

Keywords: Swearing; *hunsrückisch*; social unconscious.

INTRODUÇÃO

Falar sobre xingamentos é um assunto embaraçoso para muitas pessoas, principalmente na esfera acadêmica. É possível que isso esteja ligado às emoções negativas associadas ao contexto no qual o xingamento está inserido. Apesar dos inúmeros motivos existentes para se proferir um xingamento, na maioria dos casos, ele serve para extravasar uma emoção, por esse motivo são muito comuns em situações comunicacionais nas quais os sentimentos humanos possam ser expressos.

* Agradeço à Professora Ms. Tsylla Balbino pela correção do *abstract*.

¹ Pós-graduanda em Docência Virtual e Presencial no Ensino Superior pela Universidade Católica de Brasília Virtual. Brasília, Brasil. crw_wagner@hotmail.com

Com base na teoria psicolinguística sobre os xingamentos de Steven Pinker (2008) e na teoria psicológica de Erich Fromm (1992) sobre o inconsciente social, analisar-se-á, neste trabalho, alguns xingamentos do dialeto alemão *hunsrückisch*, falado ainda hoje por alguns grupos sociais de ascendência alemã que vivem em uma comunidade da região rural da cidade de Santo Cristo, localizada na região noroeste do Rio Grande do Sul. Com essa análise, procura-se investigar de que forma esses xingamentos ainda aludem a conceitos medievais, retidos no inconsciente social desta comunidade.

Com efeito, o presente estudo estrutura-se da seguinte forma: inicia-se com uma discussão linguística sobre o xingamento, analisando este tema, sobretudo, a partir da teoria de Steven Pinker (2008). Em seguida, buscam-se estímulos teóricos acerca do inconsciente social, oriundos da teoria do psicólogo social Erich Fromm (1992). Na seção seguinte, realiza-se uma análise do *corpus* com base nestas concepções. Finalmente, após a referida análise, chega-se às considerações finais.

O xingamento

Embora seja um assunto que cause desconforto à maioria das pessoas, um fato inegável é que o ser humano, em quase todas as culturas, profere xingamentos. O xingamento é uma expressão que está associada à emoção; é conhecida e falada por quase todas as pessoas, mas que ainda é encarada como um tabu linguístico pela grande maioria das sociedades. Por constituir um tabu, muitas pessoas evitam debater o assunto, e muitas acreditam que, por expressarem sentimentos negativos, até mesmo a sua menção deve ser evitada (PINKER, 2008). Outro motivo pelo qual esse tabu linguístico é evitado por muitas pessoas está ligado às proibições e aos escrúpulos sociais, uma vez que ele atua na não permissão ou na interdição de se pronunciar ou dizer certos itens lexicais aos quais se atribui algum poder e que, se violados, poderão trazer perseguições e castigos para quem os empregou (ORSI, 2011, p. 336).

Para o linguista Dino Preti, os xingamentos são, de certa forma, democráticos, já que estão presentes em todas as faixas etárias e em todas as classes sociais, contudo, quando se estuda o problema desses vocábulos e expressões, entra-se inevitavelmente

no campo da moral. Sabemos que os falantes atribuem valores éticos aos vocábulos e que esses valores se alteram em função da própria evolução dos costumes (PRETI, 2003, p. 59). No entanto, para Santos (2008), os palavrões referem-se a um vocabulário com menos prestígio social, dessa forma, são naturalmente empregados nos discursos informais. Com efeito, geralmente, a ocorrência de um xingamento está associada à situação discursiva na qual estão inseridos o locutor e o interlocutor, conforme Bagno (2011, p. 154): *“no lugar certo, no contexto adequado, com as pessoas certas, e mesmo no lugar errado, no contexto errado e com as pessoas erradas, se a intenção do falante for precisamente se contrapor à ordem estabelecida, às normas sociais convencionais”*.

Sandmann (1992-3), ao discorrer sobre os palavrões, esclarece que eles são utilizados em xingamentos, em sinal de deboche ou despreço contra pessoas ou fatos desagradáveis. Diante disso, verifica-se que nem todo xingamento, necessariamente, precisa de um palavrão, contudo, para Pinker (2008), o xingamento não consiste apenas em um conceito ou em um som em si que desperta emoções humanas ó como desprezo e ódio ó, mas óé alguma coisa na *junção* de determinados sentidos com sons que tem um forte efeito sobre as emoções das pessoas (2008, p. 371). Assim, a forma e a intenção daquilo que se diz estão muito mais associados ao xingamento do que propriamente a expressão. Além disso, os xingamentos mexem de formas diferentes com as pessoas, uma vez que dependem de como, onde e sob que circunstâncias são ditos como, por exemplo, o verbo *õfoderõ*, que está comumente ligado a um xingamento. No entanto, é possível ouvir a expressão *õvocê é fodaõ* quando dois amigos estão conversando e um deles conta ao outro que ganhou um carro do pai; neste caso, essa expressão não demonstra um ataque, mas, por incrível que pareça, consiste em um elogio, pois aquele que ganhou o carro é visto pelo outro como uma pessoa sortuda. O importante, neste caso, é que o falante utilize alguma expressão convencional da comunidade linguística na qual ele está inserido, para que ela faça algum sentido, pois ela depende da associação memorizada entre som e significado, que seja compartilhada por uma comunidade linguística (PINKER, 2008, p. 417). Voltando ao exemplo anterior, se uma pessoa que não faz parte desta comunidade linguística desconhecer que a expressão *õvocê é fodaõ*, neste caso, está sendo empregada como um elogio, poderá pensar que o amigo está xingando o outro.

Outro ponto relevante a respeito do estudo dos xingamentos refere-se ao fato de que eles não permanecem estagnados, nem são os mesmos para todas as pessoas; ou seja, palavras que hoje são consideradas ofensivas pelos brasileiros, futuramente podem não ser mais, como aconteceu, por exemplo, com o adjetivo pátrio *õgaúchoö*. Segundo os historiadores, *gauche* ó que originou a palavra *õgaúchoö* ó era sinônimo de xingamento, uma vez que se referia a andarilhos, bandidos, conforme descrição encontrada no diário do doutor José Saldanha que percorreu o Rio Grande do Sul em 1777: õpalavra espanhola [*gauche*] usada neste país para designar os vagabundos ou ladrões do campo que matam os touros chimarrões, tiram-lhes o couro e vão vender ocultamente nas povoaçõesö (SALDANHA *apud* LESSA, 2000, p. 86). No entanto, hoje, grande parte dos rio-grandenses orgulha-se em ser chamado de *gaúcho*, uma vez que essa palavra virou sinônimo de heroísmo e bravura, significado originado na literatura do século XIX e que é cultivado até hoje pelos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) (SILVA; SANTOS, 2005; GOLIN, 1995).

Do ponto de vista da psicologia, Pinker (2008) esclarece que o xingamento tem um efeito catártico, ou seja, õaliviar a tensãoö sentida em momentos de raiva, dor, frustração ou arrependimento. Com isso, observa-se que, até mesmo a linguagem õchulaö pode servir como uma janela para a mente humana, uma vez que muito do que se fala sem pensar (como é o caso da maioria dos xingamentos, pois, geralmente, estão associados a uma situação de descontrole emocional, dessa forma, o que é dito está relacionado muito mais com o inconsciente do que com o consciente) e, assim, as ideias que, muitas vezes, eram retidas no inconsciente, ganham formas conscientes ao serem verbalizadas.

O inconsciente social

A partir da análise linguística do xingamento, verificou-se que estas palavras estão presentes no vocabulário de, praticamente, todos os falantes. Contudo, em certos casos, observa-se que alguns xingamentos expressam ideias preconceituosas e negativas em relação a outras pessoas. Diante dessa constatação, faz-se necessário buscar na Psicologia Social uma compreensão sobre os possíveis motivos que levam o homem a

agir de forma preconceituosa e estereotipada contra o seu semelhante e por que ele ainda preserva essas ideias, mesmo depois de tantas mudanças sociais e de debates em torno deste assunto.

Nesse sentido, Moscovici (2009), em sua análise sobre a perseguição aos ciganos na Europa, atenta para o fato de que as raízes dos preconceitos e dos estereótipos estão no conhecimento do senso comum preservado em uma memória coletiva e transmitido de geração em geração. Assim, esse sentimento não pode ser individual, uma vez que ocorre sempre dentro de uma comunidade ó geralmente, um grupo majoritário õsemelhantes preferidosõ em relação a uma minoria õdiferentes desprezíveisõ. Conforme destaca o autor, õessa questão tem o grande interesse de colocar em evidência o sentido da comunidade de destino de uma minoria que vive à mercê da maioria e pode tornar-se o bode expiatório e se ver desqualificada para levar uma vida coletiva, inapta a existir plenamenteõ (MOSCOVICI, 2009, p. 10).

Sobre o conhecimento compartilhado por determinada sociedade e a ação que ele exerce sobre os indivíduos, o psicólogo Erich Fromm (1992) defende a ideia de que existe um inconsciente social ó que é um pensamento/ideologia compartilhado por um grupo social ó, o qual determina o *modus vivendi* do ser humano, como um ser pertencente e identificado àquela sociedade. Essa sociedade cria um mecanismo ó um õfiltroõ social, que consiste em uma língua, em uma lógica e em costumes compartilhados por seus membros ó para manter e preservar este inconsciente, assim, determinando quais experiências serão permitidas chegar à consciência. Em sua teoria, Fromm (1992) destaca que este õfiltroõ tem um papel muito importante no andamento da sociedade, uma vez que é ele que controla o conhecimento que passa do inconsciente social para o consciente, permitindo assim que a sociedade passe a manter por muito tempo o seu modo operacional:

o inconsciente social é tão rigidamente prevenido contra o enriquecimento da consciência que o recalçamento de certos impulsos e ideias tem uma função muito real e importante para o funcionamento da sociedade e, em consequência, todo o aparato cultural serve ao propósito de conservar intacto o inconsciente social (FROMM, 1992, p. 80).

Sentindo a necessidade de permanecer em um grupo social, o homem compartilha desse inconsciente, preservando o seu conteúdo, para se fazer aceito e integrado no grupo social em que está inserido. Diante disso, passa-se a compreender os motivos que levam determinadas sociedades a conservar seus elementos culturais, mesmo depois de centenas de anos.

Análise sobre os xingamentos no Rio Grande do Sul

Para este trabalho, analisaram-se alguns xingamentos do dialeto alemão *hunsrückisch* compartilhado pela pequena comunidade da Linha Vênus (onde vivem quase 60 famílias), localizada no interior do município de Santo Cristo, Rio Grande do Sul. Nesta comunidade, assim como se verifica na maior parte das comunidades rurais do noroeste gaúcho, vivem pequenos produtores rurais que dependem da agricultura familiar para seu sustento (é importante destacar aqui que a maior parte dos xingamentos coletados para este trabalho continua sendo proferida no dia a dia desses agricultores). Observa-se, ainda, que em algumas das cidades dessa região encontram-se muitas pessoas que falam *hunsrückisch*. Nesta cidade, em especial, nota-se que grande parte dos moradores fala este dialeto, sendo que nos anúncios de emprego ligados ao comércio solicita-se, preferencialmente, que o candidato fale ou compreenda este dialeto.

Segundo a pesquisadora Pupp Spinassé (2008), embora muitos alunos dessas regiões aprendam a variedade padrão da língua alemã na escola, nestas comunidades rurais é comum que o dialeto alemão seja ensinado às crianças por seus pais como sendo uma língua materna, assim como ocorre com o português: ãcom isso, junto às tradições culturais que são mantidas nas comunidades, como as festas e as comidas, também a língua é mantida como um patrimônio cultural dos ancestrais (2008, p. 118).

Em relação ao *corpus*, os xingamentos proferidos por 10 falantes desta localidade, de diversas idades, foram coletados com base na experiência da autora que lá viveu por 17 anos. Como os dados analisados estão no dialeto, neste artigo optou-se por referir, primeiramente, a expressão em *hunsrückisch* (h.), logo após no alemão padrão (a.p.), seguido de sua tradução em português.

Durante a coleta de dados, observou-se o uso frequente da palavra *Hex* (h.), *Hexe* (a.p.), *õbruxa*, *feiticeiraõ*². Ainda neste nível semântico, encontra-se a expressão *tas ist fahex* (h.), *das ist verhex* (a.p.), *õisto está enfeitizadoõ* ou *õencantadoõ*, podendo significar, também, que determinado objeto está com *õmau olhadoõ*. Esta expressão é empregada, em grande parte dos casos, quando algum negócio não dá certo, ou quando determinado produto apresenta algum defeito. Nesse sentido, a palavra *fahex* serve para qualificar o ato da bruxa de índole má, além de conceder à feiticeira um poder sobrenatural, uma vez que ela é capaz de transformar magicamente objetos e situações ó no entanto ela sempre é associada a fenômenos negativos³.

Frente a esses xingamentos, é possível constatar que a *õcaçaõ às bruxas*, na Idade Média, teve um forte impacto no inconsciente social, de tal modo que até hoje a bruxa (feiticeira, curandeira) é evocada como um xingamento, sendo vista como uma figura herege ligada ao diabo, e que, juntos, podem praticar o mal em sua forma mais terrível, conforme descrição encontrada no livro *Malleus Maleficarum*: *õé preciso ter em mente que para tal acontecer concorrem três elementos: o diabo, a bruxa e a permissão de Deus Todo-Poderoso. [...] Portanto, claro está que a origem da disseminação dessa heresia reside nessa ligação hedionda [...]õ* (SPRENGER; KRAMER, 2011, p. 77).

Nesse sentido, o xingamento *fafluchta taivel* (h.), *verfluchter Teufel* (a.p.), *õmaldito diaboõ*, apesar deste ser uma figura mencionada na Bíblia desde os primórdios do Cristianismo⁴, recebe destaque aqui, uma vez que está incluído ao lado de xingamentos relacionados à bruxaria.

Outra palavra que chama a atenção é *zwerig* (h.), *zwerigig*⁵ (a.p.), adjetivo para a palavra *õanhãõõ*, que é proferido quando alguém comete um erro não intencional ou quando a pessoa não prestou atenção suficiente na realização de uma atividade. Essa

² As traduções da língua alemã foram realizadas livremente pela autora.

³ Outra figura associada a situações *õnegativasõ* é o *Caipora*, em expressões como *Ist te Caipoore trin?* (h.), *Ist der Caipora drin?*(a.p.) *O Caipora está dentro?* (Neste caso, uma tradução mais adequada seria *É o Caipora que está aprontando?*). Neste caso, os falantes alemães incorporaram o estrangeirismo *Caipora* para designar o mesmo fenômeno que era causado pela bruxa, uma vez que essa figura mitológica do tupi-guarani também é usada para se referir ao mesmo acontecimento.

⁴ É importante destacar que a religião que predomina na região analisada é católica, além disso, todos os falantes que pertencem ao *corpus* deste trabalho são católicos, fato que potencializa estes xingamentos.

⁵ Na Alemanha, a palavra *Zwerg* refere-se mais a gnomos do que a *anhãõõ*, sendo que esse último está ligado à fala informal; na língua padrão é muito mais recorrente o uso da palavra *Minderwuchs*.

palavra é empregada, por exemplo, quando alguém está quebrando ovos para fazer um bolo e ao invés de colocar a clara e a gema dentro da tigela de ingredientes, as coloca no lixo e a casca do ovo ó que deveria ter ido para o lixo ó é jogada dentro da tigela. Essa ideia de que cometer um erro bobo está ligada aos anões remete às festas carnavalescas medievais que Bakhtin descreve como õfestas cômicas que existiam em oposição às festas oficiais (cerimônias sérias) [...] bufões, bobos, gigantes e anões continuam sendo bufões e bobos durante todas as circunstâncias de suas vidasö (2010, p. 7). Nota-se através deste xingamento como ainda se preservou a ideia de que pessoas com nanismo estão ligadas à figura do bobo daquela época, que animava as festas populares medievais e, preferentemente, também as das cortes.

Outro xingamento verificado foi o da palavra *Kribel* (h.), *Kriüppel* (a.p.), õaleijadoö. Infelizmente, da mesma forma como os anões, os aleijados também faziam parte do õbando de bufõesö que animavam o õshow de horrorö das festas populares da Idade Média, constituindo a minoria excluída da sociedade. Beth Lopes faz a seguinte análise sobre o bufão e de como ele era visto pelos nobres da época:

O bufão representa o ser humano em estado bruto ó amoral, complexo, múltiplo ó podendo ser comparado, ao mesmo tempo, ao veneno e à cura. Haja vista que na Idade Média, onde o pensamento se orientava pela ordem divina, era comparável ao diabo pela aparência medonha que em todos provocava asco, medo e riso e, ao mesmo tempo, era tido como um talismã da sorte cuja presença, acreditavam, afastava os males (LOPES, 2005, p. 17).

Diante desses xingamentos, verificou-se que, à exceção de *fahext*, frequentemente, eles são proferidos nas atividades diárias, quando alguém se irrita com algum animal como uma vaca, por exemplo, que não quer entrar para o curral. Contudo, também, podem se referir a pessoas, sendo que os mais comuns são *tu Kribel* (h.), *du Kriüppel* (a.p.), õseu aleijadoö, ou *kriülich Tia* (h.), *kriüppeliges Tier* (a.p.), õanimal atrofiadoö, *wi zwerig* (h.), *wie zwerigig* (a.p.), õque nem anãoö, (utilizado no sentido de se referir a uma pessoa apalermada/atrapalhada).

Outra expressão ofensiva utilizada por esses falantes é *Cikaaina* (h.), *Zigeuner* (a.p.), õciganoö. Essa palavra é empregada para fazer referência a vendedores de utensílios domésticos que passam de casa em casa, como também a mulheres que usam saias coloridas e compridas, além de cabelos longos. Nesse contexto, verificou-se que

tal designação mostra, igualmente, que as pessoas denominadas *Cikaaina* são vistas com desconfiança nestas comunidades. Infelizmente, na Europa, por meio da Inquisição Espanhola, que implantou o conceito de superioridade racial, esse sentimento também é verificado em relação aos ciganos. Moscovici (2009, p. 664), destaca que a ãos ciganos são considerados nação daninha de mendigos e ociosos, quase um elemento satânico da sociedade.

Ressalta-se que estes xingamentos têm em comum o fato de referirem-se a concepções medievais e que por meio da tradição oral foram passados de geração a geração. O pouco contato com outras culturas e o fechamento cultural dessas comunidades foram os principais fatores para que essas ideias continuassem vivas no inconsciente social desses descendentes. E ainda, a análise desses xingamentos, quando expressos ãsem pensar, para aliviar a tensão, evidencia conteúdos reprimidos pelo inconsciente como os preconceitos, que já existiam na Idade Média.

Considerações finais

Destaca-se neste trabalho que, embora os xingamentos analisados ainda permaneçam no vocabulário dessas comunidades, muitos falantes desconhecem ó por terem pouca escolaridade ó, as características do período medieval, e, por conseguinte, o real significado dessas expressões. Conforme Wagner (2012), os xingamentos mantêm suas raízes medievais, principalmente pelo fato de essas comunidades alemãs serem comunidades fechadas culturalmente, preservando muitas características trazidas da Alemanha no início do século XIX como, por exemplo, a língua ó o que Pupp Spinassé (2008), em seu artigo, se referiu como ãilhas linguísticas.

Segundo esclarece a referida autora, esse fechamento cultural deve-se, principalmente, ao fato de o governo brasileiro praticamente não ter auxiliado esses imigrantes no que se refere à educação, à infraestrutura... Assim, esses alemães

tiveram que construir sua própria estrutura comunitária (escola, igreja, clube...). Com isso, a escola não ensinava português, mas sim alemão, a única língua que o professor sabia. Da mesma forma, os cultos aconteciam em alemão, já que o pastor era, muitas vezes, um dos imigrantes. Assim, existia uma pequena ãAlemanha

durante alguns anos dentro de um espaço linguístico do português (PUPP SPINASSÉ, 2008, p. 119).

Nessa perspectiva, a autora ressalta que nem todos os imigrantes se mantinham fechados nessas ilhas linguísticas, uma vez que alguns indivíduos, em sua maioria homens, aprendiam e mantinham contato com o português, principalmente para intercambiar a comercialização dos produtos feitos na colônia alemã e a compra de mantimentos nas cidades brasileiras (PUPP SPINASSÉ, 2008).

Além disso, outro fator que contribuiu para este fechamento cultural e para a preservação destes valores medievos refere-se à localização desta comunidade, que se situa na região do Alto Uruguai ó uma região gaúcha longínqua dos grandes centros urbanos ó, constituída por uma população cuja maioria esmagadora é descendente de europeus. Com isso, observa-se que o contato com outras cidades, nas quais os moradores não falam alemão, é menos intenso, assim, as mudanças nos padrões culturais destas comunidades demoram muito mais para ocorrer.

É importante destacar que estas expressões não carregam em si apenas um alto grau de preconceito, mas, também, séculos de tradição e de pontos de vista, preservados pela transmissão desses valores ó baseados no senso comum ó de geração a geração. Com essa pesquisa, percebe-se que o inconsciente social medieval ainda pode ser encontrado em sociedades do século XXI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz?* 54ª. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução: Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

FROMM, E. *A descoberta do inconsciente social: contribuição ao redimensionamento da psicanálise*. Tradução de Lúcia Helena Siqueira Barbosa. Vol. 3. São Paulo: Manole, 1992.

GOLIN, Tau. Reflexos entre o gaúcho real e o inventado. In.: GONZAGA, S.; FISCHER, L. A. (Coord). *Nós, os gaúchos*. 3ª. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

KRAMER, H.; SPRENGER, J. *Malleus Maleficarum: O martelo das feiticeiras*. Tradução de Paulo Fróes. 22ª. ed. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2011.

LOPES, B. A blasfêmia, o prazer, o incorreto. *Sala Preta*, São Paulo, n. 5, vol. 1, pp. 9-21, 2005. Disponível em: http://www.eca.usp.br/salapreta/PDF05/SP05_01.pdf Acesso em: 06 out. 2012.

MOSCOVICI, Serge. Os ciganos entre perseguição e emancipação. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 24, n. 3, pp. 653-678, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v24n3/03.pdf>. Acesso em: 06 set. 2012.

ORSI, Vivian. Tabu e preconceito linguístico. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*, Porto Alegre, v. 9, n. 17, pp. 334-348, 2011. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: 01 out. 2012.

PINKER, Steve. *Do que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza humana*. Tradução de Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PRETI, D. (Org.) *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2003.

PUPP SPINASSÉ, K. O hunsrückisch no Brasil: a língua como fator histórico da relação entre Brasil e Alemanha. *Espaço Plural*, Marechal Cândido Rondon, ano 9, nº 19, vol. 2, pp. 117-126, 2008. Disponível em: <http://132.248.9.1:8991/hevila/Espacoplural/2008/vol9/no19/13.pdf>. Acesso em: 05 out. 2012.

SALDANHA, J. *apud* LESSA, Luiz Carlos Barbosa. *Rio Grande do Sul, prazer em conhecê-lo: como surgiu o Rio Grande*. Porto Alegre: AGE, 2000.

SANDMANN, J. A. O palavrão: formas de abrandamento. *Revista Letras*. Curitiba, n.41, vol.42, 1992-93. Disponível em:

<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/view/19127> Acesso em: 10 out. 2012.

SANTOS, D. S. O vocabulário popular na Ilha do Pavão. *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos - CIFEFIL*, Rio de Janeiro, pp. 135-157, 2008. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xicnlf/11/o_vocabulario.pdf. Acesso em: 15 out. 2012.

SILVA, A. F. da; SANTOS, P. B. O mito do gaúcho e seu redimensionamento em õtrezentas onçasõ, de Simões Lopes Neto. In: *II Colóquio Leitura e Cognição*, 2005, Santa Cruz do Sul. Disponível em:

http://www.unisc.br/portal/images/stories/mestrado/letras/coloquios/ii/mito_do_gaicho.pdf. Acesso em 2 ago. de 2011.

WAGNER, C. R. Xingamentos: expressões do inconsciente popular. *Amazonas em Tempo*, Manaus, p. A4 - A4, 21 abr. 2012.

Recebido em: 26 de outubro de 2012.

Aprovado em: 10 de dezembro de 2012.